

*Danças dramáticas do Atlântico: os olhares estrangeiros sobre a festa do congado na sociedade escravista**

LEONARA LACERDA DELFINO**
Universidade Estadual de Montes Claros

Resumo: O ritual de coroação de reis negros, também conhecido como reinados e, posteriormente, festa do congado ou congada, tem suas origens na sociedade escravista e na expansão do catolicismo e do império português, através dos processos de hibridização cultural no mundo atlântico. Estes festejos geralmente aconteciam durante a confraternização dos santos patronos das irmandades negras e tinham como ponto alto a entronização do rei, o cortejo festivo, a musicalidade e corporeidade dançante como elementos de comunicação com o sagrado. Para a análise destas dramatizações atlânticas, utilizamos os depoimentos de viajantes das expedições científicas, com vistas a compreendermos os *aspectos indiciários* presentes em suas narrativas etnocêntricas capazes de servirem como parâmetros de diálogos com os elementos procedentes do catolicismo centro-africano.

Palavras-chave: Festa do Rosário; Catolicismo centro-africano; Coroação dos reis congos.

Abstract: The ritual of coronation of black kings, also known as reigns and later feast of the congado or congada, has its origins in the slave society and the expansion of the catholicism and the Portuguese empire, through the processes of cultural hybridization in the Atlantic world. These celebrations usually took place during the fraternization of the patron saints of the black brotherhoods and had as their high point the enthronement of the king, the festive procession, the musicality and dancing corporeity as elements of communication with the sacred. For the analysis of these Atlantic dramatizations, we used the testimonies of travelers from scientific expeditions, with a view to understanding the indicia present in their ethnocentric narratives capable of serving as parameters for dialogues with elements coming from Central African Catholicism.

Keywords: Feast of the Rosary; Central African Catholicism; Coronation of the Congo King.

* Recebido em 16/12/2016 e aprovado para publicação 17/04/2017.

** Realiza estágio pós-doutoral em História na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Doutora e mestre em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Este artigo corresponde a um trecho de minha tese de doutoramento (cf. DELFINO, 2015). E-mail: leonaralacerda@yahoo.com.br.

Introdução

O processo de redefinição identitária das populações da diáspora estabelecidas no Novo Mundo e a dimensão da ancestralidade associada ao parentesco confraternal – juntamente com os laços espirituais personificados nas figuras sacralizadas dos reis centro-africanos – foram elementos preponderantes nas motivações dos irmãos do Rosário na celebração dos reinados ou congados. Segundo Elizabeth Kiddy (2008, p. 165-166), os *reis congos* se constituíram em mediadores exponenciais – através de suas ações rituais – da conexão entre o mundo dos *vivos* e o mundo dos *mortos*. Deste modo, a imagem mítica construída em torno da memória dos reis africanos cristãos – como propagadores da *fé* em combate aos *reinos pagãos* – possibilitou a construção de uma *identidade organizacional compartilhada*¹ por membros da comunidade, fortalecendo, assim, os vínculos de uns com os outros exilados, por intermédio de uma noção de ancestralidade reconstruída conforme as *condições situacionais* impostas pela diáspora no Novo Mundo.

Esses pontos de interseção tomados como referências definidoras na diáspora se tornam compreensíveis quando a experiência da pré-travessia é levada em conta na construção da análise do contexto multicultural do exílio. Mello e Souza (2001, p. 253) afirma, a partir da leitura de Thornton (2004), que o “cristianismo teve significativa penetração no Reino do Congo, notadamente entre as linhagens governantes.” Sendo assim, a religião desenvolvida a partir da missionação na África Central – com o trabalho de capuchinhos, carmelitas, jesuítas e outras ordens religiosas – foram traduzidas ou integradas às concepções *bantas*, elaborando, assim, um *catolicismo centro-africano de contato*. Esta apropriação cultural religiosa

¹ Quando tratamos sobre a *identidade*, devemos considerá-la como processo dinâmico, mutável e interacional, em construção permanente, conforme as contingências históricas e agenciamento protagonizado por seus sujeitos em contato. Nesse sentido, concordamos com F. Barth (2000, p. 25) a despeito da mobilidade das identidades étnicas, isto é, do seu papel intercambiável, fluído e adaptável de acordo com os aspectos situacionais e dos referenciais contextuais auto-atributivos e externos em relação aos modos de pertencimento em um grupo cultural.

só foi possível em função da plasticidade desses sistemas de crenças por permitir, com base em uma estrutura de *revelação*, a incorporação de preceitos convergentes aos ideais de *ventura e desventura*, princípios ordenadores do universo cosmológico daquelas populações afro-centrais (THORNTON, 2004, p. 253).

Nesse sentido, o ritual de coroação dos reis congos foi um costume construído no contexto das relações atlânticas de expansão do império português, forjada pela *religiosidade de contato* impulsionada pelo projeto missionário católico cujo mesmo empreendimento evangelizador buscou legitimar, acima de tudo, a ação da coroa portuguesa no ultramar. Desse modo, este artigo se propõe a analisar, pelo *método indiciário*, as zonas de contato cultural com vistas o entendimento dos processos de hibridizações da religiosidade atlântica pelos quais delinearão os festejos do congado na sociedade escravista (GINZBURG, 1989, p. 147). Todavia, compreendemos que tal abordagem historiográfica busca valorizar o procedimento “interpretativo, centrado sobre os resíduos” ou “dados marginais” também reveladores das relações de apropriação e de construção das *representações culturais*.² O uso dos aportes narrativos dos testemunhos oculares da coroação dos reis congos na sociedade escravista, a partir da literatura dos viajantes, nos possibilita a construção de relações indiciárias e interpretativas acerca da apropriação de símbolos e da re-significação da linguagem religiosa centro-africana fundadas na plasticidade dos sistemas de revelação (THORNTON, 1994).

Não obstante, consideramos que, ao lado da catolicização, houve uma africanização dos símbolos religiosos no âmbito das irmandades negras e de suas expressões festivas, em razão do *sentido dialógico* impresso nessas

² Entendemos apropriações como formas múltiplas de interpretação que são construídas em meio aos embates diretos e disputas implícitas para a definição de maneiras de representar o mundo. Segundo Chartier (2002, p. 59), essa noção não se coaduna com a percepção de passividade de “leitura” da realidade, onde é possível identificar um emissor e receptor das representações, como se as mensagens transmitidas tivessem nelas *sentidos intrínsecos*, totalmente independente da significação atribuída pelos sujeitos. Deste modo, “anular o corte entre produzir e consumir é antes de mais afirmar que a obra só adquire sentido através da diversidade de interpretações que constroem as suas significações.”

trocas culturais constituírem parte do complexo processo de *hibridização cultural* atlântica.³ Por seu turno, o processo de interação/conflito/trocas culturais foi capaz de promover sentidos inéditos e imprevisíveis, enquanto expressões desta permutabilidade. Nesta perspectiva, a congada se estabelece como expressão da religiosidade atlântica, ou seja, surge como algo novo, inesperado, fruto da religiosidade de contato entre os mundos lusitano/afro/afro-americano. Sua particularidade consiste no aspecto de imprevisibilidade de suas linguagens míticas (versos cantados), de sua corporeidade (gestos rituais) e da transmissão oral de memórias recriadas e *re-semantizadas* na experiência de segregação do exílio e do cativo.

As imagens estrangeiras da coroação dos reis congos

As construções imagéticas acerca dos *reinados* e das festividades do Rosário se tornaram alvo de interesse dos viajantes estrangeiros que aqui estiveram durante as chamadas *expedições científicas*. Incentivadas pela Coroa portuguesa, desde a segunda metade do século XVIII, estas expedições tinham por finalidade explorar as potencialidades dos recursos naturais no âmbito da geologia, da cartografia e, em segundo plano, descrever sobre as práticas culturais dos diferentes segmentos componentes do caldeirão multiétnico cultural da sociedade colonial. Não obstante, a infantilização/exotização dos povos, a idealização da *natureza exuberante*, o postulado de *civilização* e da razão iluminista estiveram presentes na forma como esses estrangeiros apreenderam e recriaram, em suas aquarelas, as impressões sobre a sociedade escravista.

Nesse sentido, os depoimentos estrangeiros não são uma descrição precisa nem representam um “retrato” da sociedade, mas são

³ Segundo Canclini (1998, p. 18-19, grifos nossos): “a hibridização *não é sinônimo de fusão sem contradições*, mas sim que pode ajudar a dar conta de formas particulares de conflito geradas na interculturalidade [...]. [Deste modo] entendo por hibridização processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existam de forma separada, se combinam para gerar *novas estruturas, objetos e práticas*. Cabe esclarecer que as estruturas chamadas discretas foram resultado das hibridizações, razão pela qual *não podem ser consideradas fontes puras*”.

indícios repletos de intencionalidades que trazem as marcas históricas e temporais, como também de subjetividades dos seus sujeitos/autores, revelando suas mundividências, crenças, costumes e idiossincrasias caras a seu tempo. Todavia, as imagens dos festejos são portadoras de valores, mentalidades e escolhas subjetivas daqueles que enunciavam tais narrativas e representações imagéticas.⁴

Por seu turno, artistas estrangeiros da segunda metade do Setecentos (Carlos Julião) e da primeira metade do século XIX (Jean Baptiste Debret, Henri Koster, Johann Pohl, Spix e Martiuns e o Conde de Castelneau) contribuíram com relatos detalhistas sobre a dramatização e composição dos festejos, com suas entronizações dos reis do Rosário, o uso de máscaras e outras insígnias utilizadas durante a dramatização dançante das memórias do *reino do congo* cristão em combate com os reinos pagãos. Todavia, as impressões destes botânicos, naturalistas, cartógrafos e artistas nem sempre eram consonantes entre si. Enquanto Castelneau assegurou a grande influência do rei sobre os companheiros de senzala, os alemães Spix e Martiuns ressaltaram o poder meramente fictício e ilusório desses personagens, sem nenhuma incidência sobre os demais companheiros *pretos* (CASTELNAU, 1949). É necessário, antes de tudo, considerarmos estes personagens como “filhos do seu tempo” e as acepções etnocêntricas presentes em suas narrativas como valores hegemônicos de suas épocas para, assim, apreendermos outros significados contidos nas entrelinhas desses testemunhos.

Em visita ao Brasil, o artista militar Carlos Julião (1960) expressou em aquarela algumas cenas cujo tema se centrava na festa da coroação de reis negros no Rio de Janeiro e no Serro Frio (Minas Gerais). As imagens abaixo reportam-se à uma descrição em que reis e rainhas se achavam ricamente vestidos e protegidos por um grande *guarda-sol*. Semelhante ao distintivo usado por alguns membros reais das cortes políticas do Reino do Congo, este objeto poderia remeter a outros significados para além da funcionalidade prática de proteção solar que, aparentemente, representa o aspecto mais visível.⁵

⁴ Sobre a imagem como fonte histórica, ver: Paiva (2002, p. 17).

⁵ O guarda-sol tinha por objetivo marcar a centralidade da figura real, por isso trazia uma “função muito mais simbólica do que prática” (MELLO; SOUZA, 2002, p. 227).

Na primeira aquarela nota-se a rainha ricamente vestida e coroada. Em uma de suas mãos, havia o símbolo do cetro. O vestido amarelo trazia bordados com detalhes azul-escuro e o manto vermelho, carregado por um dos pajens, possuía, nas pontas, acompanhamentos de franjas douradas em sua terminação. Um dos pajens situados atrás da rainha segurava o guarda-sol, como sombreiro, e o séquito, formado por mulheres, tocava instrumentos, provavelmente relacionados aos *tambores*, o *ganzá* e a *marimba* (Figura 1).

Figura 1 - Coroação de uma Rainha, Festa de Reis, Rio de Janeiro, 1776



Fonte: Julião (1960, p. 36).

Na aquarela seguinte, a descrição é semelhante à primeira imagem. O rei se encontra vestido de negro com uma sobressaia e um manto vermelho bordado. Em uma das mãos portava o distintivo do cetro, além de trazer também o símbolo máximo da realeza: a coroa. O séquito de confrades chama atenção pelas roupas coloridas e uso de adereços na cabeça. Dos dois pajens que seguiam o rei, um deles segurava o manto e parecia ser criança, quanto o outro carregava um guarda-sol. Alguns instrumentos empunhados pelos confrades são facilmente identificáveis, como o *pandeiro*, o *violão*, o *tambor* e a *marimba*. No final do cortejo havia uma mulher negra com o uso de um turbante e de um manto que revestia seus ombros, podendo ser um dos apreciados tecidos conhecidos como *panos da costa*, muito utilizados pelos escravos e forros da Costa da Mina. Fica evidente

também a preocupação do artista em transmitir a impressão de movimentos corporais dos integrantes da cena retratada (Figura 2).

Figura 2 - Coroação de um Rei no Festejo de Reis



Fonte: Julião (1960, p. 39).

A irmandade incorporada e seu séquito, formada por reis, rainhas, embaixadores, príncipes e dançadores, também foi tema dos olhares estrangeiros oitocentistas que por aqui passaram. Em visita ao Arraial do Tejuco (capitania das Minas), durante a celebração da subida ao trono de Dom João VI, em 1818, os naturalistas alemães, formados pela Academia de Munique, registraram as seguintes impressões acerca da coroação dos *reis congos* naquela localidade:

Também os negros esforçaram-se por festejar, a seu modo, essa extraordinária solenidade patriótica; para isso, acharam justamente então mais adequados escolherem um rei dos pretos. É costume dos negros do Brasil nomearem todos os anos um rei e sua corte. Esse rei não tem prestígio algum político nem civil sobre os seus companheiros de cor; goza apenas da dignidade vaga tal como o rei da fava, no dia de Reis da Europa, razão porque o governo luso-brasileiro

não opõe dificuldade alguma a essa formalidade sem significação. Pela votação geral foram nomeados *Rei Congo e Rainha Xinga, diversos príncipes e princesas*, com seis *mafucas* (camareiros e camareiras) e dirigiam-se em procissão à igreja dos pretos. Negros levando o *estandarte* abriram o préstito, seguiam-se ouros levando as imagens do Salvador, de São Francisco, da Mãe de Deus, todas pintadas de preto, com capinhas vermelhas e roxas, todas rôtas, enfeitadas com grandes *penas de avestruz*, anunciando o regozijo ao som de *pandeiros, chocalbos, de ruidoso canzá e da chorosa marimba: marchava à frente um negro de máscara preta, como mordomo, de sabre em punho, depois os príncipes e princesas, cujas caudas eram levadas por pajens de ambos os sexos; o Rei e a Rainha do ano antecedente ainda com cetro e coroa; e finalmente o real par recém-escolhido, enfeitado com diamantes, pérolas, moedas e preciosidades de toda espécie, que haviam pedido emprestado para essa festa; a rabadilha do séquito era composta por gente preta, levando círios acesos nos bastões forrados de papel prateado chegando à igreja da Mãe de Deus, preta e só de negros, o rei deposto entregou o cetro e a coroa ao seu sucessor [...]*

 (SPIX; MARTTUNS, 1938, p. 40-41, grifos nossos).

As insígnias reais – como o cetro, a coroa e a capa de calda enfeitada com diamantes, pérolas, moedas e “preciosidades de toda espécie”, citadas no trecho – conferiam o efeito de persuasão da aparição dos os reis, do mesmo modo, o aparato musical se fazia necessário para a comoção do público assistente. Na visão dos naturalistas, esta expressão musical causou-lhes enorme estranheza, pois a sonoridade dos tambores, flautas, pandeiros, chocalhos e da “chorosa marimba” foi traduzida neste relato como “algazarra infernal”. A melodia cadenciada pelo toque das batidas de caixa marcava os movimentos dos dançadores que anunciavam, através da linguagem corporal da dança, o “enviado” do grupo – o rei. No decorrer do préstito, os mascarados encenavam pulos, cabriolas (cambalhotas), além das “mais singulares caretas e as mais profundas medidas”. Ao fim do cortejo, se aproximavam os dançadores devotos da figura real, e entregavam à realeza negra muitas prendas, além de o saudarem com muita reverência e gracejo.

Como se pode notar, a leitura nas entrelinhas deste estranhamento dos naturalistas remete ao caráter híbrido do festejo e dos gestos rituais de entronização dos reis negros. O uso de insígnias não diz respeito somente à catolicização do rito híbrido na colônia. Além do cetro, da coroa e do manto, há que se destacar o uso das *penas de avestruz*, um distintivo da realeza africana⁶, junto ao acompanhamento dos *mafucas*, certamente um termo readaptado na diáspora para reportar-se aos *mafukes* – comerciantes centro-africanos, responsáveis pela mediação comercial e cultural entre os povos da Costa Centro-ocidental e europeus. A menção à figuração de uma *rainha Jinga*, como inimiga do rei congo católico, evoca a construção de memórias na diáspora e a re-significação dos combates de expansão do cristianismo promovida pela corte congoleza em África. As danças dramáticas, os discursos cantados, o uso de máscaras e feitos de cambalhotas, junto ao cortejo de fiéis, com velas nas mãos, expressam um universo cultural complexo pelo qual os viajantes não tinham condições para decodificar, em virtude das contradições de valores culturais entre os dois mundos.

Em contraste com alguns pontos apresentados pelos naturalistas alemães, Henry Koster (1942, p. 353), ao visitar o Brasil entre 1809-1820, ressalta o uso de uma indumentária precária da entronização de reis negros ao festejarem o dia da santa padroeira dos escravos – Nossa Senhora do Rosário em um distrito rural de Pernambuco. O senhor inglês e também senhor de engenho, descreve com certo tom de escárnio o *ritual de inversão* feito pelos negros, por ocasião da celebração da irmandade católica:

[...] com bandeiras ao vento e tambores soando [...] cada um dos [reis] trazia na cabeça na cabeça uma coroa de papel colorido dourado. O Rei estava vestido com uma velha roupa de cores diversas, vermelho, verde e amarelo, manto, jaleco, calções. Trazia na mão um cetro de madeira lindamente dourado. A Rainha envergava um vestido de seda azul, da moda antiga. [...]. Terminada [a missa], o novo Rei devia ser coroado, mas

⁶ As penas na cabeça ainda são muito utilizadas pelos congadeiros. Segundo Mello e Souza (2002, p. 294), o uso desta insígnia reporta-se a uma recriação *bakonga*, em razão dos *ngangas* (sacerdotes) as utilizarem como veículo de comunicação com o outro mundo.

o Vigário estava com fome, e desempenhou-se sem muitas cerimônias. Segurou a coroa, na porta da Igreja, o novo soberano apresentou-se e foi mandado ajoelhar, a insígnia lhe foi posta e o Vigário disse: “Agora, senhor Rei, vai-te embora!”.

Para Koster (1942, p. 353-354) os reis coroados no dia do Rosário não passavam de *reis de farsa* e motivos de *zombaria dos brancos*. Como um notável senhor de engenho de sua época, o viajante não reconhecia a potencialidade subversiva do ritual de aversão, apesar de assegurar o prestígio e o respeito adquirido pelos reis negros entre os seus pares de senzala. Já o Conde de Castelnau (1949) e Cônsul da França, embora tenha descrito o ritual com o mesmo grau de estranhamento, construiu uma leitura diferenciada dos cientistas citados acima, na medida em que o viajante conseguiu apreender o poder de influência mais apurado dessas lideranças na comunidade negra. Sem embargo, o narrador teve ainda dificuldades para compreender o uso ritual da máscara naquele cerimonial, pois imaginava aqueles adereços como instrumentos para “não desbotar a cor natural” da tez dos seus praticantes. Consoante suas impressões, ao avistar da janela o cortejo de reis negros das ruas de Sabará, Castelnau (1949, p. 171) relata:

[...] foi nos dado gozar de singular espetáculo: refiro-me à grande festa dos negros, reunidos para a eleição de um rei de Congo. Fazem todos os anos este extravagante carnaval, *adquirindo o eleito grande influência sobre os companheiros*. A cena era muito curiosa, *misturando singularmente as reminiscências da costa africana com os costumes brasileiros e cerimônias religiosas*. A princípio, o rei de Congo, em companhia de sua metade, vem ocupar uma das cadeiras postas de antemão para o uso da corte. Ambos estão magnificamente vestidos, trazem *coroas de prata maciça e cetros dourados*. *Um grande guarda-chuva* os garante da influência da lua, que vem nascendo. *Coisa digna de reparo, o rei traz uma máscara preta, como se tivesse receio de que a permanência no país lhe tivesse desbotado a cor natural*. A corte, em cujos trajes se misturam todas as cores e os enfeites mais extravagantes, senta-se de cada lado do casal de reis; vem depois uma infinidade de outros personagens,

os mais consideráveis dos quais eram sem dúvida, grandes capitães, guerreiros famosos ou embaixadores de potências longínquas, todos paramentados à moda dos selvagens do Brasil, com grandes *topetes de pernas, sabres de cavalaria ao lado, escudo no braço*. Nessa balbúrdia, confundiam-se danças nacionais, de diálogo entre pessoas, entre estas e o rei ou entre o rei e a rainha, *combates simulados e toda espécie de cambalhotas* [...]. A coisa mais divertida era, porém *um preto mascarado de branco e vestido com a farda vermelha* do soldado inglês trazia um violão e era acompanhado por uma orquestra, por assim dizer nacional (Grifos nossos).

A referência aos *sabres de cavalaria* e ao uso de *escudos, fardas, espadas* remetem não só às apropriações de insígnias militares europeias e ao status hierárquico que elas conferiam aos seus usufrutuários, mas às reminiscências afro-lusitanas se olharmos com mais cuidado para o processo de conversão das cortes congolosas e a expansão do cristianismo entre as culturas *bantu* (MELLO e SOUZA, 2002, p. 302). Quanto à “mistura singular entre as reminiscências da costa africana e dos costumes brasileiros”, relacionada pelo cônsul, pode ser notada em muitos aspectos em seu depoimento: o posicionamento escalonar dos indivíduos, o uso das indumentárias suntuosas demarcadas por distintivos afro-lusitanos e o aparato musical (alternado entre a apresentação de orquestras de padrões europeus e dos batedores de caixa). Além disso, temos que destacar o uso da *máscara negra* – objeto mágico ou *nkisi* africano. Segundo Borges (2005, p. 189), a máscara servia para afugentar maus espíritos e assegurar a proteção espiritual da realeza durante o cortejo, permitindo, assim, a comunicação com os protetores ancestrais.

Como podemos observar, o uso generalizado de símbolos como o *estandarte*⁷ ao lado das insígnias reais⁸ e das performances musicais e

⁷ Bandeira da irmandade que trazia estampado o seu emblema e o Rosário.

⁸ Nem sempre essas insígnias (coroa, cetro e manto) eram confeccionadas com material valioso. Em Barbacena, por exemplo, encontramos nas receitas, o dispêndio de 1\$600 réis em 1814 para o feitiço da coroa de flandres Cf.: AEAM, Livro C32, Receitas e Despesas do Rosário da Freguesia de N. Sra. da Piedade da Borda do Campo (1812-1829). Nas descrições de Henry Koster (1942, p. 353) acerca da coroação de reis na Ilha de Itamaracá, os reis

coreográficas reunia, em seu conjunto, todos os códigos de pertença necessários para a comunicação com o sagrado em dia de homenagem à Virgem padroeira. O rei e a rainha, acompanhados ou não da corte confraternal, veiculavam esta interlocução, fortalecendo os elos de sociabilidade e o papel da ancestralidade africana, tendo em vista a rememoração desses personagens aos feitos grandiosos dos primeiros reis negros cristãos engajados em expandir a fé na região central do continente africano.⁹

As *cambalbotas*, as *danças nacionais* e a *balbúrdia* pelas quais o cônsul se referia representam uma linguagem corporal de complexidade ritual de suma importância para a legitimação do rei e para comunicação do cortejo com a entidade sagrada do outro mundo espiritual. O transe provocado pelos ritmos dos tambores, misturados à musicalidade nacional e lusitana, reportava-se aos modos de reverenciar o sagrado e de recontar *o gesto de fundação do mundo*,¹⁰ por intermédio da teatralização das danças dramáticas. O discurso cantado envolvia a mistura de vocábulos africanos, gestos rituais e uma linguagem corporal e musical repleta de significados que fugiam do entendimento do olhar estrangeiro dos viajantes. Segundo o naturalista austríaco Johann Pohl (1976, p. 203) em vista a Goiás em 1817, durante a entronização do rei congo, por ocasião do festejo do Rosário, os dançadores usavam *penas de avestruz* e encenavam uma *luta entre embaixadas*, nas quais sempre terminavam com a aclamação do rei “*Bambi*” (ou *Nzambi?*). Consoante suas impressões:

negros se vestiam com uma indumentária precária, caracterizada como “velha roupa de cores diversas e suas coroas eram produzidas com “papel colorido dourado.” Em contraste com o depoimento acima, em Itabira do Campo os irmãos do Rosário possuíam uma coroa de prata cujo peso era de trezentas e dezoito oitavas de ouro e uma coroa pequena, também de prata, que pesava trinta e oito oitavas. Cf.: AEAM, Inventário do Rosário de Itabira do Campo, 1809. Já em São José del-Rei (Tiradentes), o livro de inventário desta devoção menciona “uma coroa de prata que serve à rainha” e uma vara de prata que serve ao juizado. Cf.: AMNSP- SJDR, Livro de Inventário dos Bens da Irmandade de N. S. do Rosário dos Homens Pretos da Vila de São José, 1808.

⁹ De acordo com Heywood (2008, p. 119), “a maioria dos soberanos que concordou com os tratados de vassalagem assumiu o compromisso para si e seus povos de viver sob a fé católica, assistir as missas nos dias santos e garantir a segurança dos missionários”.

¹⁰ Sobre os significados e funções do mito dentro de uma festa religiosa, ver: Eliade (1992, p. 84-88).

Ao som da música, cantando e exclamando continuamente “Bambi”, domina”, marchava para a igreja, com aspecto muito pitoresco, o cortejo fantástico, dançando, à sua maneira, os negros que iam à frente; um canto lento e monótono *acompanhava a dança, em frente que eles cruzavam as pernas, estendendo-se para a frente e para trás, e curvavam o corpo em diversas e estranhas contorções* (Grifos nossos).

Nesse sentido, as *estranhas contorções do corpo* e as batidas e *cruzamentos de pernas para frente e para trás* evocavam a coreografia própria da congada, dos dançadores do congo. O toar de tambores e as palavras confusas aos olhos estrangeiros revelavam a profunda gramática da hibridização da diáspora africana e de transformações caras às culturas atlânticas e da catequese no Império do Ultramar. A narrativa da conversão, a ingestão de bebidas – como veículo para o transe – a encenação de combates entre reinos cristãos e pagãos, faziam do rei uma espécie de sacerdote, unificador dos dois mundos e importante liderança de mediação entre a ancestralidade narrada em versos cantados e o contexto de desagregação imposto pelo exílio atlântico.

A execução musical e as danças rituais constituíam uma função ritual muito valorizada pelos irmãos do Rosário de São João del-Rei, confraria dos pretos mais antiga da capitania das Minas.¹¹ Em 15 de fevereiro de 1818, em consistório da capela, o juiz e mais oficiais da irmandade ajustaram os serviços de Manoel Joaquim da Silva Vasconcellos pela “caixa de música”. O contrato foi fechado no valor cinquenta oitavas de ouro para o músico “cantar nesta igreja aos Domingos” durante a missa e na realização dos terços e enterros dos irmãos.¹² Em 11 de fevereiro de 1828, outro acordo foi firmado para o ajuste do “partido de músicos”, o qual costumava servir

¹¹ A igreja do Rosário de São João del-Rei começou a ser edificada em 1719, no entanto sua fundação remonta ao ano de 1708 (SOBRINHO, 1996, p. 64). Sobre os estudos desta irmandade, ver: (DELFINO, 2015; SOUZA, 2010).

¹² AINSR-SJDR, Livro 40, Termos de Administração, Termo de contratação de músico, 15/02/1818, fl. 2.

à irmandade com todas as obrigações habituais.¹³ Era incumbência dos artistas contratados promoverem as funções musicais executadas durante as novenas noturnas, as marchas públicas o Rosário e todos os demais santos instalados em altares da igreja.¹⁴ Houve casos também em que os músicos ofereciam a prestação dos seus serviços em troca da dispensa das esmolos e anuidades, como procedeu com o entrante Cipriano Pereira do Amaral matriculado no Rosário de São João del-Rei em 29 de janeiro de 1815 para “tocar nas festas de Nossa Senhora, São Benedito e nas novenas e festas da Senhora dos Remédios”, sem ser obrigado a pagar esmolos e anuidades.¹⁵

Além da contratação de orquestras da vila, alguns capelães, como o Padre Francisco Justiniano, se dedicaram pessoalmente ao ensino de técnicas musicais e aulas de cravo às crianças, provavelmente filhas dos irmãos do Rosário. Segundo Borges (2005, p. 142), essas crianças cativas depois de instruídas “eram alugadas pelos donos para exercerem os seus dotes nos múltiplos eventos que tinham no lugar da região mineradora”.

Em ocasião dos peditórios, a presença de músicos não podia faltar, conforme apontou Jean Baptiste Debret (1940), ao retratar a cena “extremamente ruidosa” em que recitou, em aquarela, para representar a ocorrência da coleta de esmolos.¹⁶ Pela imagem abaixo nota-se a realeza

¹³ AINSR-SJDR, Livro 40, Termos de Administração, Termo de contratação de músico, 11/02/1828, fl. 6.

¹⁴ AINSR-SJDR, Livro 40, Termos de Administração, Termo de contratação de músico, 28/10/1840, fl. 38.

¹⁵ AINSR-SJDR, Livro de Entradas do Rosário, Matrícula de Cipriano Pereira do Amaral, 29/01/1815.

¹⁶ Além dessas esmolos coletadas em frente à igreja após as missas dominicais era comum que as irmandades tivessem o seu esmoleiro ou ermitão, sob o beneplácito régio, para que pudessem coletar donativos ao longo ano em prol da construção ou reforma dos templos. A irmandade de São João del-Rei adquiriu sua licença régia em 1789 e nesta era concedida a autorização para que o esmoler peregrinasse apenas nos limites da freguesia, contrariando a vontade dos irmãos que suplicaram ao rei, a licença para esmolar nas demais freguesias da capitania. Cf.: AMNSP-SJDR, Compromisso da Irmandade de N. S. do Rosário dos Pretos de São João del-Rei, ver Cap. 7. O Barão de Eschwege (1818), ao permanecer no Brasil entre 1810-1821 a serviço dos reis de Portugal registrou as seguintes impressões sobre a figura do ermitão: “Chama-se ermitões homens que ordinariamente, para expiar seus pecados, tomam a resolução de montar guarda em uma capela e pedir esmolos para sua conservação. Eles se cobrem por uma espécie de hábitos; deixam crescer a barba e

negra acomodada em trono atrás de uma mesa instalada às portas da igreja. Em cima da mobília, ornamentada com toalha, havia uma “enorme bandeja de prata” onde se depositava as esmolas. O recipiente logo se enchia e se esvaziava em função da piedade caritativa dos irmãos que chegavam de todas às partes da vila para deixar sua oferta ao santo. Ao lado direito do rei se observa dois músicos negros acompanhados de trompetes para conduzir a cerimônia. Ao lado esquerdo, situavam os vários assistentes, dentre eles, algumas crianças negras participantes do ato de confraternização à Virgem. Em sua descrição, o viajante faz questão de lançar ênfase à generosidade das mulheres em despender esmolas à entidade protetiva. Da mesma forma, Debret (1940, p. 582) se viu impressionado pelo modo com que os devotos externalizavam sua devoção. Com gestos de piedade, como a genuflexão em frente à imagem, os fiéis beijavam os pés e mãos do orago, como se ele ganhasse vida própria com as súplicas e lamentos daqueles que se aproximavam.

A presença dos cachorros circulando em cena e a figuração de um deles a urinar ao pé da mesa da realeza da irmandade, durante a coleta de esmolas, demonstram a intencionalidade de escárnio, deboche, desprezo social e de referência à sujeira urbana como pontos sutis retratados pelo artista para rebaixar a corte africana. O ideal de civilização dos costumes, higienização social e de associação às práticas afro-brasileiras à desqualificação de barbárie remetem ao conjunto de valores trazido pelo europeu em suas formas de ler os “trópicos” (Figura 3).

algumas vezes, a própria cabeleira. Carregando uma caixa envidraçada contendo a imagem do padroeiro de sua igreja percorrem a região, fazem beijar a imagem às pessoas que vão encontrando e recebem, por isso, esmolas em dinheiro e objetos. Alguns fazem votos de levar esse gênero de vida até o fim de suas vidas, mas a maioria se dedica por um certo tempo (CASCUDO, 1954, p. 70-71). John Marwe, outro viajante, em caminho para Vila Rica encontrou uma dessas figuras e fez a seguinte menção: “avistamos um homem com hábito de monge, de seu cinturão pendia uma caixa com a imagem da Virgem Maria, seus compridos cabelos esparsos ocultavam a sua face e todo ele tinha alguma coisa de estranho e de selvagem. Disseram-nos ser um eremita que tinha abraçado esse gênero de vida para se penitenciar de algum grande crime (CASCUDO, 1954).

Figura 3 - Prancha 30, Coleta para a manutenção da Igreja do Rosário



Fonte: Debret (1940, p. 581).

É interessante notar que Debret descreve a coroação de reis negros como prática em declínio na Corte, ou seja, como algo já pertencente ao passado remoto dos tempos coloniais. O artista evoca a intenção de referenciar o atraso do costume em contraponto à civilização da uma nova sociedade afrancesada que se estabelecia com o processo de *interiorização da metrópole*, iniciado com a vinda de Dom João VI. Era proposta desta civilização dos costumes *higienizar* o espaço urbano e combater as práticas tidas como bárbaras aos olhos etnocêntricos da nova política que estabelecia na Corte. De acordo com o viajante:

Em abono da história das irmandades negras, lembraremos que, com a presença da corte no Rio de Janeiro, proibiram-se os pretos as festas fantasiosas extremamente ruidosas a que se entregavam em certas épocas do ano para lembrar a mãe pátria; essa proibição

privou-os igualmente de uma cerimônia extremamente tranquila, embora com fantasias introduzidas no culto católico (DEBRET, 1940, p. 582).

Nesse sentido, Debret pertence a um contexto em que a política de cerceamento dos festejos promovida pelo Estado e pela Igreja imprimia novos anseios de uma elite inspirada em princípios liberais e outros “padrões de civilidade”. A tentativa de se afastar do “passado colonial” fez com que as forças repressoras do Império passassem a reformular os códigos de postura e as formas de ocupação e uso do espaço público. Certamente o caráter dúbio dos banquetes, peditórios e entronização dos reis provocava o sentimento de ameaça nos senhores, sempre desconfiados e amedrontados mediante os ajuntamentos negros e os gestos rituais incompreensíveis pelos olhares da *casa grande*.

Considerações finais

A partir dos olhares externos foi possível apreendermos os *indícios* e *sinais* de *heranças ativas* centro-africanas presentes por ocasião dos ritos de entronização dos reis congos, sobretudo nas celebrações de Nossa Senhora do Rosário das irmandades dos *homens pretos*. O ritual do congado reunia a dramatização de mitos contados que relembavam os tempos de cristianização dos reinos centro-africanos. Considerada uma expressão típica da diáspora, a coroação de reis definia uma linguagem híbrida de religiosidade, surgida da comunicação de zonas culturais de contato e da reinterpretação de códigos, viabilizada pela plasticidade dos sistemas de símbolos de crenças.

Nesse sentido, as danças dramáticas causavam estranhamento ao olhar etnocêntrico dos estrangeiros, em missão científica, tão impregnada dos anseios imperialistas de Portugal a conhecer, de forma mais detalhada, as riquezas naturais, geográficas e os “exotismos” dos seus povos. Todavia, os festejos – muitas vezes descritos como algo grotesco, infantilizado e até mesmo debochado – reuniam elementos cruciais de *ressemantização* das memórias bantas na diáspora. A musicalidade, conduzida por ritmos de tambores, os instrumentos de origem africana (o ganzá, a marimba, o

pandeiro), o contorcionismo corporal, as cambalhotas e outros gestos rituais – descritos com um olhar deformante e incompreensível dos europeus – delineavam a recriação da África no Novo Mundo, uma África com significações não desvinculadas do contexto segregador do cativo. Por seu turno, constituíam-se veículos de comunicação com o sagrado e com a ancestralidade *bantu*: o rei mascarado, o uso das insígnias reais (como as penas de avestruz), o transe apoteótico dos cânticos rimados, os vocábulos africanos, a dança e o contorcionismo dos corpos, tudo isso acompanhado da ingestão de aguardente.

Referências

Documentação manuscrita

Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, AEAM, Livro C32, Receitas e Despesas do Rosário da Freguesia de N. Sra. da Piedade da Borda do Campo (1812-1829).

Arquivo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de São João del-Rei, AINSR-SJDR, Livro 40, Termos de AINSR-SJDR, Administração, Termos de contratação de músicos (1818-1840)15/02/1818, fl. 2.

Arquivo da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de São João del-Rei, AMNSP- SJDR, Livro de Inventário dos Bens da Irmandade de N. S. do Rosário dos Homens Pretos da Vila de São José, 1808.

AINSR-SJDR, Livro de Entradas do Rosário, Matrícula de Cipriano Pereira do Amaral, 29/01/1815.

Documentação primária

CASCUDO, Luís da Câmara. *Antologia do Folclore Brasileiro*. 4. ed. São Paulo: Martins, 1954.

CASTELNAU, Francis. *Expedição às regiões centrais da América do Sul*. Trad. Olivério M. de Oliveira Pinto. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.

- DEBRET, J. B. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: São Paulo: Livraria Martins, 1940. 2 v.
- JULIÃO, Carlos. *Notícia sumária do gentilismo da Ásia com dez riscos iluminados*. Ditos de figurinos de brancos, e negros dos usos do Rio de Janeiro, e Serro do Frio. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1960.
- KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Trad. Câmara Cascudo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.
- POHL, Johann Emanuel. *Viagem ao Interior do Brasil*. Trad. Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte: Livraria Itatiaia; Ed. USP, 1976.
- SPIX J. B.; MARTIUNS C. F. P. *Viagem pelo Brasil*. Trad. Lúcia Furquim Lahmeyer. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

Obras de apoio

- BARTH, F.; TOMKE, L. (Org.). *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- BORGES, C. M. *Escravos e Libertos nas Irmandades do Rosário: devoção e solidariedade em Minas Gerais: séculos XVIII e XIX*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- CANCLINI, N. *Culturas Híbridas: estratégias para pensar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1998.
- CHARTIER, R. *História Cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.
- GINZBURG, C. *Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DELFINO, L. L. *O Rosário dos Irmãos Escravos e Libertos: Fronteiras, Identidades e Representações do Viver e Morrer na Diáspora Atlântica*. Freguesia do Pilar-São João Del-Rei (1782-1850). Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.
- ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HEYWOOD, L. De português a africano: a origem centro africana das culturas atlânticas crioulas no século XVIII. In: HEYWOOD, L. (Org.). *Diáspora negra no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

- KIDDY, E. W. Quem é o Rei do Congo? Um novo olhar sobre os Reis Africanos e Afro-brasileiros no Brasil. In: HEYWOOD, L. (Org.). *Diáspora negra no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MELLO e SOUZA, Marina de. *Os Reis Negros no Brasil Escravista*. História da Festa de Coroação do Rei Congo. Belo Horizonte: editora da UFMG, 2002.
- _____. História, mito e identidade nas festas de reis negros no Brasil - séculos XVIII e XIX. In: JANCSÓ, I.; KANTOR, I. (Org.) *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Edusp, 2001.
- PAIVA, E. F. *História e Imagens*. Belo Horizonte: Contexto, 2002.
- SOBRINHO, Antônio Gaio. *Sanjoanidades: um passeio histórico e turístico por São João del-Rei*. São João del-Rei: A voz do Lenheiro, 1996.
- SOUZA, D. S. *Devoção e Identidade*. O culto de Nossa Senhora dos Remédios na Irmandade do Rosário de São João Del Rei. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, 2010.
- THORNTON, J. *A África e os africanos na formação do mundo Atlântico (1400-1800)*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- _____. Religião e vida cerimonial no Congo e áreas *Umbundu*, de 1500 a 1700. In: HEYWOOD, L. (Org.). *Diáspora negra no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.